

HOUVE UMA ESCOLA NORMAL SUPERIOR NA AMÉRICA LATINA? O CASO BRASIL E COLÔMBIA

Jose Rubens Lima Jardimino
Universidade Nove de Julho

RESUME

Esta conferencia tem como objetivo primeiro discutir algumas idéias que venho *matutanto*¹ faz alguns dias. Nada melhor do que um colóquio com doutorandos e professores para expor idéias novas e suscitar o debate.

Partindo da premissa de que a Escola Normal Superior –ENS²– da América Latina, em menor ou maior grau, foi influenciada pelo modelo francês, pretendo apontar alguns aspectos da crise desse modelo, no final do sec.XIX e começo do XX, a fim de ambientar as minhas idéias. Em seguida, de forma resumida, colocarei o contexto da América Latina de *fin-de-siècle*, aqui representada pela Colombia e o Brasil. Por fim apresentarei as ENS de ambos os países e os anseios que as alimentaram na proposta inaugural, sua importância no período de glória–*la belle époque* da Escola Normal no Brasil e na Colômbia e aspectos de sua decadência.

Nessa trajetória, procuro consolidar uma hipótese: a de que o modelo francês na América Latina nunca chegou a gerar uma intelectualidade dirigente para os países, e, por conseguinte, a ENS também não realizou seu papel conforme o modelo imaginado, apenas formou uma casta de professores cultos nas humanidades tão cara à República.

Palavras-chave: professores do ensino médio, modelo francês, artes liberais, República.

IS THERE AN UPPER TEACHERS COLLEGE IN LATIN AMERICA? THE CASE OF BRAZIL AND COLOMBIA

José Rubens Lima Jardimino
Universidade Nove de Julho

ABSTRACT

This text has as its objective a discussion of ideas that have been consolidating for some time; and nothing is better than conversations between professors and doctoral students to expose new ideas and stir up debate.

Starting from the premise that the Upper Teachers College of Latin America, in smaller or greater degrees, was influenced by the French model, the author indicates some critical aspects of the model from the end of 19th to the beginning of the 20th century in order to provide a basis for his ideas. The author elaborates the context of Latin American teachers colleges at the end of the century, represented by Colombia and Brazil. The author presents the ideas behind the Upper Teachers College in both countries, and the desires that fed their initial proposal, their importance in the period of the *belle époque* of the teachers colleges in Brazil and Colombia, and their decadent aspects.

In summary, the author consolidates a hypothesis that the French model in Latin America was never able to generate a leading intelligentsia for the countries and, hence, none of the Teachers Colleges carried out their roles according to the imagined model. In other words, the model provided neither numerous cultured professors in the liberal arts nor superior teachers for the Republic.

Keywords: Upper Teachers College, French model, liberal arts, Republic.

1. A CRISE DO MODELO FRANCÊS E SUA INFLUÊNCIA NA AMÉRICA LATINA

Neste item, acompanho as idéias de Rolland³, que me apresenta, já de início, uma contra-tese à minha, quando afirma que a presença humanista francesa na América Latina não bastou para definir um modelo francês, qualquer que seja o campo de onde estejamos falando. Todavia, as vozes que reverberam das elites latino-americanas são expressões contundentes dessa influência. Mario de la Cueva⁴ – México, por exemplo, diz: “A França salvou a América Latina hispânica. Os povos da América viveram à francesa e puderam conservar-se latinos. A Universidade do México foi uma universidade francesa, e deve-se à França, ademais todo o amor pela liberdade”.

Outras afirmativas expandem essa consciência francófona, tal como a proferida por Silvio Azuela⁵ “Com a influência cristã da Espanha e a nuance indígena incorporada à mistificação, a cultura francesa foi para nós, durante muitos anos, de alcance fundamental, o mesmo ocorreu Tanto na política quanto na literatura, na filosofia quanto na área científica” (Silvio Azuela – México).

Essas vozes, na verdade expressam um corpus de pensamento que esteve presente nos final do século XIX e começo do XX, o qual se materializou na criação de instituições, em geral escolas, que firmaram a influência francesa no continente. São exemplos dessas instituições, a Academia Brasileira de Letras, os Colégios dos Irmãos e Irmãs francesas, entre outras. Conforme afirma Rolland:

Muito menos presente economicamente, provedora de idéias fundadoras, auto-vestidas de uma missão messiânica⁶ tendo chegado antes das novas nações latino-americanas à Modernidade política por meio da ruptura, a França aparece sustentadamente como o denominador comum político e cultural mais unificador de uma grande parte das elites L.A. sensíveis ao universalismo francês⁷.

Para a América Latina a França do começo do século XIX está sempre vinculada a idéia de progresso de civilização; de certa forma, representa a grande genitora da república, como fora a Grécia para Roma no período pré-cristão. As declarações que ecoam de várias partes do mundo, colocam a França e sua elite como provedora cultural com missão civilizatória da humanidade. Essas lisonjeiras declarações ao modelo Francês, em especial ao seu apogeu, no início do século XX, em geral correspondem ao modelo

republicano no Mundo, e, estão de certa forma apoiadas nos fatos históricos da ascensão do Homem no palco da história. As elites liberais latino-americanas a ele se filiam como forma e adesão mais completa às democracias liberal da França de 1900 – 1930, a França das luzes.

O mito da “França das luzes” se esvaziava no pós-segunda guerra, com o declínio econômico local e nas colônias (formais e/ou ideológicas). No quesito da formação, nas primeiras décadas do século, uma parte considerável das elites latino-americanas ainda recebe sua formação dentro do modelo educacional, mediador do mito francófilo, além de manter a formação de muitos latinos em seus próprios países como se estivessem na França: a Universidade de São Paulo, a Universidad Nacional do México, os Colegios (cursos primários e secundários) e os cursos de língua da *Alliance Française*. Algumas dessas instituições eram patrocinadas pelo governo francês como foi o Collège Carnot de Bogotá criando em 1912 o collège Carnot e outros estabelecimentos de ensino⁸ de irmãos franceses. No Rio de Janeiro e em São Paulo, também são fundados, em 1921, colégios de ordens religiosas controladas pelos irmãos e freiras: Colégio Sión, Sacré Couer, Santa Marcelina, entre outros.

Podemos dizer que o declínio do modelo francês foi apenas econômico, pois nos países em que se procurou levar a cultura e o processo civilizatório mais que os projetos econômicos, permaneceu a ligação acadêmica e de pensamento com a França.

Nesse período, a AL é seduzida pelos ventos que vêm do Norte da América e, paulatinamente, vai aderindo ao *Américan Way of Life*, abandonando a jeito francês de ser. Em busca do pragmatismo protestante dos EUA, A América Latina adere não somente aos postulados do Capitalismo como aos seus respectivos direcionamentos para a formação do homem latinoamericano, em muitos casos relativos à organização escolar - os protestantes no Brasil são um caso ilustrativo⁹.

Embora a Colômbia não seja uma nação do continente das mais representativas da influência francesa, como foram México, Brasil e Argentina, deve-se considerar que a educação na sua modelagem, apesar da influência das missões alemãs, tem vertente do humanismo à francesa. A ENS segue essa característica, conforme apontaram Herrera & Low¹⁰, Por isso inclui o caso colombiano no meu projeto.

2. O CONTEXTO REPUBLICANO E LIBERAL DO SURGIMENTO E APOGEU DAS ESCOLAS NORMAIS SUPERIORES

Colômbia

A Colômbia do final do século XIX e começo do XX, está muito próxima aos demais países do cone sul; as transformações sócio-políticas e econômicas vão dando uma nova fisionomia a cada jovem nação. Na economia, toda a movimentação em torno do Café, petróleo e mineração, em geral, são os pólos de uma acelerada urbanização. Com ela, surgem os serviços do Estado e as obras de infra-estrutura para gerar o progresso do fenômeno urbano, com a expansão demográfica rural/urbano, acolhendo-se inclusive a migração estrangeira. Como fruto dessa mescla do progresso ocorre o nascimento de uma classe média e suas respectivas necessidades, conforme assinalam Herrera y Low¹¹, sobre o período:

A las modificaciones en la estructura económica del País y los sucesos internacionales, se agregaron cambios políticos y sociales internos. A regeneración se sucedió hegemonía conservadora, que aunque en muchos aspectos tuvo continuidad con ella y significó la prolongación en el poder del partido conservador y los sectores retardatarios de la sociedad- terratenientes y explotadores tradicionales-, no puedo asimilarse esquemáticamente con aquélla. A Partir de 1930, los liberales recuperan el poder político y se inicia lo que se denominó como la República Liberal-1930-1946, período durante el cual se trata de ajustar las estructuras del país a las nuevas realidades que vivía el siglo XX. Igualmente, durante estas décadas, aparecieron nuevos grupos en el escenario de lucha social y surgieron las primeras organizaciones políticas independientes de los partidos tradicionales. En lo que se refiere al aspecto cultural, algunos grupos empezaron a difundir nuevas formas de pensamientos que incidieron en los campos científico, literario, artístico y educativo. A nivel gubernamental estos cambios encuentran acogida a partir de 1924 y cobran mayor fuerza durante la República Liberal.

Essas mudanças no pensamento durante a República Liberal esteve muito próxima do setor educativo, e de maneira muito especial, jogou força no recém-criado Ministério da Educação, como uma pasta própria do Governo. Esse tipo de atitude política numa governança liberal é mais que comum, uma vez que os liberais pretendiam formar um “Homem Novo”, um cidadão para dar respostas aos desafios do mundo moderno. Por isso rechaçava-se a Igreja concebida como aparato ideológico que freia o progresso da nação

rumo à Modernidade. Formar Professores para educar num mundo novo, este era o desafio do governo liberal.

O *maestro* deveria agora ser formado sob uma orientação estabelecida por meio do Estado, de maneira a alcançar a uniformização do currículo, com um acervo grande de conhecimentos humanísticos e técnicos. Uma recomendação estava sempre presente: tudo isso deveria ser feito longe do discurso religioso, para que a educação fosse a mais laica possível e assim poder fazer usos dos métodos novos e das novas correntes de pensamento que surgiam e que a Igreja não aceitava: as noções filosóficas, antropológicas e biológicas (anatomia), como ferramentas para o progresso da educação escolar.

A ENS pensada junto com a Universidade Nacional, teve primazia na política governamental, pois aquele momento era mais urgente a formação dos formadores, o que levou Dario Echandía (ministro da Educação) a afirmar que era mais importante a instalação de uma Escola Normal Superior do que a criação de uma Universidade Nacional. Assim a ENS da Colômbia funcionou de 1936/51 com plena autonomia universitária. Essa preferência da política liberal foi explicada da seguinte maneira:

El cambio de nombre de Facultad de Educación por el de Escuela Normal Superior, fue explicado en la pretensión de esta institución de abrazar los derroteros (ideales) que inspiraban la ENS de Paris, fundada con el propósito de llevar a ella los mejores talentos de Francia, a fin de que formaran el profesorado y ejercitaran un magisterio sobre el espíritu nacional, objetivos que la ENS colombiana estaba dispuesta a emular¹²

Brasil

Como afirmam Nosella e Buffa¹³ “a Antiga Escola Normal foi a matriz pedagógica republicana da instrução básica no Brasil. Os professores primários que nos grupos escolares ou nas escolas (isoladas) rurais e particulares, empreenderam a tarefa de moldar uma nação republicana educando seus cidadãos”

Reconhecemos que embora não tenha realizado de maneira concreta e absoluta. A Escola de Formação de professores – a ENS em todo estado - cumpriu o seu mandato, e sempre nos referimos a ela como uma das mais fortes Instituições criadas pelo Estado republicano – a ENS foi o *Berço da Escola Paulista*.

Assim merecem destaque alguns aspectos sócio-políticos e históricos de uma política de formação de professores para atender às necessidades do

Estado. Monarcha¹⁴, cita os relatórios apresentados por Diogo de Mendonça Pinto, entre 1852-1872, na função de Inspetor geral de instrução pública da província de São Paulo, nos quais apresenta a necessidade de instrução pública como um serviço e, portanto, dentro de um plano da Administração pública na gestão da cidade, o que demonstra como fora necessária a criação de um Estado Nacional e suas instituições. Nessa ventura política o lugar da instituição é primordial, com ele vem a necessidade de formação do formador com a função de elevar o povo proletário à condição de povo humano, um quase cidadão.

Nesse incipiente Estado, as bases demográficas alteravam-se rapidamente. Em princípio dos 70 do século XIX, em São Paulo polulavam aproximadamente 31 mil de habitantes, chegando ao final do século com cerca de 240.000.

O problema educacional estava posto, no século XX, embora seja reconhecido como o *Século da Educação*, tinha que enfrentar uma grave questão demográfica: até a metade do século a densidade demográfica estava na zona rural a partir daí observa-se uma inversão com aceleração no processo de urbanização do Estado, mas em especial, na cidade de São Paulo nos anos 40 e 50.

Outro elemento social a ser considerado é o processo de proletarização da família, com a entrada da mulher na força de trabalho nas décadas finais do século XIX. Em 1872, as mulheres já eram mais de 90 % dos operários da indústria cotonífera paulista.

Podemos dizer com segurança que os fatores sociais acima correspondem sem sombra de dúvida ao período em que São Paulo assume a liderança da Economia Nacional. Conforme os historiadores, no período de 1870 a 1930, corresponde à grande expansão e fase de arranque da economia regional paulista, sendo o café a mola propulsora desse desenvolvimento. A hegemonia paulista se dá pela ocupação demográfica de menor parte do Estado (urbanização); o incremento das ferrovias como vetor de distribuição e escoamento do café. “O Estado se tornara um mar de café”, na voz dos cronistas.

Aliado aos fatores acima mencionados temos a incorporação do estrangeiro no Brasil, em especial na capital paulista, a inserção da mulher no trabalho (fábricas, artes, literatura e magistério), o início do processo de industrialização com o surgimento de uma nova classe -o operariado- os primeiros passos para o fim da escravidão.

Em meio aos aspectos sócio-políticos apresentados, a Escola é a instituição mais almejada pela população, alimentando, portanto, o debate político, em especial os anseios das classes médias pré-republicanas. É sobre essa instituição no Brasil e a formação de quadros para o Ensino que tratamos de outra instituição importante no Brasil: a Escola Normal.

O professor Monarcha apresenta a Escola Paulista de formação de professores a partir de espaços geopolíticos demonstrando suas atividades numa ambiência na qual retrata as várias fases político-sociais do país.

3. A ESCOLA NORMAL NO BRASIL E SUAS FASES

Nesse item, estamos apenas resenhando os muitos autores que escreveram e pesquisaram essa forte Instituição da República. Dentre eles destacamos o belo trabalho de pesquisa do professor Carlos Monarcha¹⁵ no qual escrutina cada espaço das três fases da *Schola Mater* paulista, além de nos oferecer uma análise temporal do que poderíamos denominar de *aparição – apogeu/glória e ocultamento* da Escola Normal de São Paulo. Contamos ainda com a pesquisa de Maria Luiza Marcílio¹⁶, encomendada pelo Instituto Braudel, publicado recentemente pela Imprensa Oficial. A pesquisa contou com uma milícia de investigadores e assistentes - uma grande equipe esteve a sua disposição para realizar e publicar os resultados num *livro-manual* sobre a Escola Paulista e a Instituição Pública Escola, abarcando um longo período de cinco séculos em três atos. O livro perde um pouco na ênfase documental/histórica, quando a terceira parte intitulada *Educação para todos na era da Globalização, 1990–2000*, torna-se, pela mão do “cronista” uma peça de louvação à recentíssima e inconclusa história do Partido Social-Democrata do Brasil- PSDB no poder, ou á “era fernandoheriquiana”, como alguns preferem chamar.

A Escola Normal Imaginária

Criada em 16/03/1846 pela lei provincial de No. 34, nessa primeira fase, chamada de *imaginária*, a Escola Normal acontece como um fato político e jurídico, porém sem garantias das mínimas condições para sua implementação.

A necessidade de criação de uma Escola de Formação de Mestres, mesmo sem as condições propícias, advém, em princípio, das decisões das Reformas de 1846 e 1851, que, entre outras coisas, obrigava a Administração Pública a prover de Escalas todos os habitantes da província, além de estabelecer normas para o currículo, qualificação, salário e nomeação dos professores.

A Educação se torna baluarte do debate, a ponto de o Relatório da Inspeção Geral sobre o Estado da Instrução pública da província fazer o seguinte relato:

Hei de pedir sempre que por meios coercitivos que se constitua obrigatório o estudo das primeiras letras para aqueles que residem ao redor das Escolas Públicas. Neste empenho apelei também para coadjução do Exmo e Reverendo Bispo Diocesano, dos Reverendos vigários e dos juizes de órfãos, que eles em suas prédicas aos domingos convencessem o povo do quanto imperioso é o dever de ministrar dos filhos o conhecimento das primeiras letras, moral e doutrina da Religião do Estado. E que esses interpusessem com o poder de autoridade, a fim de que os órgãos sob sua jurisdição não deixem de receber instrução elementar e educação conforme as ordenações do Reino¹⁷

Assim se instituía a Escola Pública paulista com todas as mazelas da época de lá para cá.

Em 1846, é consenso nos autores a afirmação de que se inicia oficialmente a história da formação de professores primários com a criação da Escola Normal de Estudos Pedagógicos.

A precariedade dessa Escola inicial não se refere apenas à docência, mas em todos os demais instrumentais que uma escola requer para formar o professor. Nas palavras do inspetor, tudo faltava, regulamentos, métodos didáticos, espaço físico, material didático e biblioteca; salário e importância do cargo entre outros. Diante do diagnóstico, falham o governo provincial, o professor, a sociedade e a própria Escola Normal que é incapaz de responder os desafios, culturais e políticos da época.

Instalada dentro da Igreja da Sé, durante seus 20 anos de serviço a escola formou com toda a precariedade que lhe foi imposta, apenas 40 professores (homens), os quais cumpriam as exigências de ingresso, ter 16 anos de idade, ser livre e de bons costumes. Na sessão masculina, o curso com duração de 2 anos tinha 4 matérias: gramática e língua nacional religião e métodos.

- **A Escola Normal e sua “opção pelos pobres”**

No discurso do Inspetor, a Escola Normal criada era simplesmente uma miragem, pois não atendia aos princípios básicos da ciência pedagógica; Formava apenas estudantes ouvintes e sem prática. Aqui, as críticas à Formação dos Professores é severa: destaca-se o quadro de mazelas pelas quais passam a escola, o seu currículo e método, ao invés de elevarem, diminuem o potencial da Instrução e educação pública, formando professores

incapazes de formar cidadãos e homens esclarecidos. Conforme Diogo de Mendonça Pinto

a maior parte dos que se destinam à vida de mestre são desprovidos de meios (recursos financeiros); e por conseguinte salvo raras exceções, são moços privados de recursos que não sabem o que hão de fazer de si, que não acham entrada em outra carreira mais lucrativa, os que se atiram hoje (1853) a carreira do magistério¹⁸.

Assim em meio à completa desolação, a Escola Normal encerra suas atividades dessa primeira fase em 10/07/1867 e, pela Lei nº 06, aposentando compulsoriamente seu único professor.

- **A Escola Profissional – Schola Mater do progresso**

A segunda fase do ressurgimento da Escola Normal paulista vem embalada pelas primeiras idéias republicanas de como educar o cidadão.

A Escola Normal foi refundada em 16/02/1875, depois de oito anos nos escombros. Esse ressurgimento vincula-se às reformas das instituições que viriam mais tarde a dar suporte ao surgimento da República, tais como assistência e promoção social, saúde e sanitárias, sistema prisional e a Escola Pública. As necessidades que se alardeavam demonstraram que há uma ruptura com os requisitos de colônia e, por fim, estabelece-se um conflito cultural com novas tendências do final do século XIX, chamadas pelos historiadores de europeização das cidades brasileiras. Na verdade acontece uma “franceização” da cultura brasileira, sendo que as palavras de ordem – Civilização, Razão, Progresso, Constituição, Soberania e por fim, a mais forte, Luz – se contrapõem a tudo que se pode chamar de colonial. É natural que a Escola Normal que surge desse contexto revele traços da Ilustração e tente responder a questão do período: como Educar o Cidadão?

Em oposição ao estado anterior de miséria, os discursos políticos se afirmam nos pressupostos da nova Escola Normal.

A Escola Normal criará bons mestres; e estes, elevando o nível das habilitações de seus discípulos, derramarão pela sociedade as primeiras riquezas do Espírito, sólida, estimável e **luminosa** instrução elementar. Será, pois, um centro da *luz viva da ciência* irradiando-se por toda a província e penetrando por todas as camadas populares¹⁹

Concebe-se, pois, uma época de ilustração do povo e uma escola que profissionalizará o cidadão formando um difusor de idéia de progresso intelectual e um multiplicador do conhecimento.

Reinaugura-se a Escola Normal de São Paulo que funcionará ao lado da Acadêmica, a Faculdade de Direito do largo São Francisco, e que se destinará a habilitar profissionais para o magistério da instrução primária. Aqueles que por ela passarem receberão a *carta de normalista* – uma credencial para ser professor profissional, o que lhe garantiria o direito a um cargo vitalício, caso fosse nomeado.

Todavia, por mais contextual que possa parecer para uma república em construção, essa Escola Normal também não atendeu às exigências da época, embora tenha melhorado em muito a formação do professor. As razões para seu fechamento provisório em 30/05/78 são ideologicamente fundamentadas na sua ineficiência formadora, nas duas sessões, tanto a masculina como a feminina²⁰. A explicação dada pelo presidente da província²¹ é muito convincente:

A Escola Normal não podia continuar nas condições em que funcionava: não tinha casa, nem mobília e nem professores[...] Poucos eram os alunos de um e outro sexo que freqüentavam a Escola Normal. Não compreendo a Escola Normal pautada pelo molde acanhado de uma medíocre escola de instrução primária; a que funcionava na Capital, muito longe estava de satisfazer as exigências de um estabelecimento modelo: para isso tudo lhe faltava. Em tais circunstâncias não era para sentir-se o fechamento provisório da Escola Normal.

- **A Escola Normal: do movimento republicano à Belle Époque.**

O ideal republicano é o lenitivo para a restauração da Escola Normal de São Paulo. Torna-se verdadeiramente um projeto de Estado. Nesse período ganha sede própria e passa a fazer parte das disputas políticas entre republicanos, positivistas e demais forças político/ideológicas que tomam acento nesse cenário educacional de *fin-de-siècle*.

A Escola Normal é restaurada em 02 de agosto de 1880 com 61 alunos matriculados. Considere-se que as classes que constituem o quadro societário paulistano havia se transformado consideravelmente: comerciantes, bacharéis e operários, pessoal administrativo dos quadros burocráticos das instituições públicas que nasciam formavam a capa com mais sede ascensão social. A Escola Normal de São Paulo vai, de certa forma, atender a esses anseios. Conforme afirma Monarcha, “A Escola Normal de São Paulo atrai indivíduos, em sua grande maioria pobres à procura de ascensão social. A carta de normalista possibilita aquisição de cultura e oportunidade de emprego na administração pública – olhos e braços da monarquia, ou comércio local, ou ainda ingresso na Faculdade de Direito”²² - tornar-se bacharel.

Esse quadro não muda muito na terceira fase com essas classes já melhor constituídas e com as instituições de assistência do Estado Republicano já em fase de implementação. Na verdade, os alunos em última instância não são atraídos pela profissão do magistério. Buffa & Nosella²³ também reconhecem esse fato na Escola Normal do Interior, na qual a maioria das moças ali presente, em geral filhas de fazendeiros ou famílias médias, adentrava a Instituição para receber toda a ilustração das luzes francesas e trejeitos da cultura erudita. Atributos esses que lhes qualificam para um bom casamento.

Essa fase da Escola Normal se constitui um campo de batalha ideológica com fins à formação do cidadão republicano.

Padres instruídos no Seminário Episcopal intelectuais citadinos e pobres que partilham dos dogmas da religião da humanidade, bacharéis diplomados pela Faculdade de Direito e por vezes descendentes de linhagens antigas, defrontam-se durante a década de 1880, disputando a condução ideológica da Escola Normal de São Paulo. Teólogos, homens visionários e administradores públicos elaboram argumentos convincentes submetendo as autoridades imemoriais da fé, da história da razão ou da ciência. Sonham a Escola Normal e, com ela, atos de reforma, gestos de filantropia e iniciativas de regeneração. Em outras palavras: Sonham a porvir da Nação²⁴.

No que pese o apogeu das luzes que vem de vários cenários, essa instituição continuou sendo uma Escola para pobres arremediados, atingindo apenas um pequeno grupo da elite brasileira da época o qual se destacou na constituição da política da primeira República. São, na verdade, algumas “lentes” oriundas da Escola Normal, porém a rigor não podemos concluir que essa Instituição tenha formado a elite brasileira nos séculos XIX e XX. Seria pois, possível dizer que houve uma Escola Normal Superior de modelo francês no Brasil?

4. HOUVE NO *ESPÍRITO* LATINO AMERICANO DA ÉPOCA UMA ESCOLA NORMAL SUPERIOR DE MODELO FRANCÊS?

Concordamos com Nosella & Bufo quando afirmam que a E.N foi a matriz pedagógica republicana para a instrução básica no Brasil. Pelo que tenho acompanhado, posso incluir aqui a Colômbia, e quiçá outros países latinoamericanos e até norte americano²⁵. Ela preparou os professores para o primário no Brasil, na figura dos Grupos Escolares e em escolas confessionais e isoladas. Emfim, empreendeu a tarefa de moldar uma nação republicana formando os formadores para educação de seus cidadãos.

Reconhecemos, que embora tenha sido uma instituição politicamente controlada à mercê de muitos vendavais, essa escola de formação de professores cumpriu seu mandato, e sempre nos referimos a ela como uma das mais fortes instituições criadas pelo Estado Republicano, como o berço da moderna escola brasileira e colombiana.

No Brasil ela nunca chegou a ser Superior, ainda que tenha sido, no seu período áureo, inspirada no modelo francês, jamais chegou a formar a elite intelectual do Brasil. Desconfio também que essa é a mesma realidade na Colômbia. Sua contribuição foi formar uma classe média ilustrada em busca de ascensão social. No Brasil, atendeu a vários segmentos: formar donzelas e prepará-las para um casamento (EN do interior), formar os pobres que estavam em busca de ascender socialmente, para depois se tornarem funcionários públicos, e por fim, formar os professores da escola de ensino básico, como último recurso de ascensão social.

O mito do modelo francês ficou na língua que aprenderam e na ilustração meio *criolla* que deu as/aos normalistas a fama de cultos e devotos da república, defensores da *Pátria Mãe* de pensamento livre. Viva a França.

NOTAS Y CITAS

1. Do verbo, matutar significa pensar intensamente, duvidar e acreditar ao mesmo tempo. Outra conotação do termo na língua portuguesa é usada como figura de linguagem para se referir ao comportamento do homem do “mato” (Campersino) em especial sua ingenuidade retratada na literatura infantil veiculada pela obra de Monteiro Lobato, um dos grandes lentes da literatura brasileira.
2. A partir daqui vou usar a sigla ENS para me referir a Escola Normal Superior.
3. ROLLAND, Denis (2000). *La crise du modèle français: Marianne et l'Amérique Latine. Culture, politique et identité*. Presses Universitaires de Rennes. Para as citações do texto em português sigo a tradução para o vernáculo, publicado em 2005 pela Editora Universidade de Brasília.
4. Citado por Rolland. Op. cit., p. 108.
5. Ibid., p. 108.
6. “Esse estranho amor pela França, que eu suponho nos salva, a nós latino-americanos, da velha subordinação hispânica e da nova subordinação anglo-saxã”, conforme, Carlos Fuentes *Un certaine parenté*, Paris Gallimard, 1981, p. 187, apud Rolland. Op. cit, p. 109.
7. ROLLAND. Op. cit., p. 109.
8. Em 1930 haviam respectivamente em Colômbia e Brasil o seguinte quadro: Colômbia: 36 escolas instaladas ao longo de 1890-1930, contando com 9.000 estudantes e com 489 padres franceses nessa missão educativa. Brasil: criados desde 1907 em 1930 já contavam com 10 estabelecimentos de ensino com um total de 2.800 alunos atendidos por uma melícia de 128 irmãos religiosos franceses. In Fuente: *Compendio de História del Instituto de las escuelas cristianas*, Paris-Madrid, 1937.
9. JARDILINO, J.R.L. (2004). Educação e Protestantismo – os colégios presbiterianos em São Paulo. In., Sá Martino. *Sociologia da Religião no Brasil*. São Paulo, Paulus.
10. HERRERA C., Martha Cecilia y LOW P., Carlos (1994). Los intelectuales y el despertar cultural del siglo: El caso de la Escuela Normal Superior – una historia reciente y olvidada. Universidad Nacional Pedagógica, p. 27.
11. Ibid., p.18.

12. Ibid., p. 27.
13. BUFA & NOSELLA, (2002). *Schola Mater: a antiga Escola Normal de São Carlos*, FAPESP, Edufscar.
14. MONARCHA. Op. cit., pp. 19-51.
15. MONARCHA, Carlos (1999). *Escola Normal da Praça, o lado noturno das luzes*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp.
16. MARCÍLIO, Maria Luiza (2005). *História da Escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial e Instituto Fernand Braudel.
17. PINTO, A.D M. (1958), p. 18, em: MONARCHA, Apud. Op. cit., pp. 38-39.
18. PINTO, A.D.M. Relatório sobre o estado da instrução pública provincial no ano de 1853, p. 6. MONARCHA, Apud. Op.cit., p.49.
19. Relatório apresentado à Assembléia Legislativa pelo exmo Sr. Dr. João Theodoro Xavier, presidente da província, no dia 5 de fevereiro de 1853, MONARCHA, Apud. Op.cit., p.92.
20. De 1875 a 1878 freqüentou a E.N 124 alunos destes 90 na sessão masculina e 17 na feminina, formaram-se apenas 27 os quais receberam a Carta de Normalista. Um outra questão importante diz respeito aos dados estatísticos de instrução na província, em 1874 havia 837.354 habitantes, destes apenas 140.507 (homens e mulheres livres) e 104 (escravos/as) sabiam ler e escrever.
21. Nota extraída do Relatório com o que o exmo dr. Sebastião José Pereira passou a administração da província ao 5º. Vice-presidente monsenhor Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade, em 1878. MONARCHA, Apud. Op. cit., p. 103.
22. MONARCHA. Op. cit., p. 113.
23. SCHOLA MATER. Op. cit.
24. MONARCHA. Op. cit., p. 112.
25. Refiro-me aqui ao trabalho de Thèrèse Hammel. *Um siècle de formation des maîtres au Québec: 1836-1939*. Université du Laval – Québec, Canadá; e uma publicação recente. “Les recherches en Education: stratégies d’investigation interdisciplinaire: Dans les méandres du fleuve éducatif, où les pierres du ruisseau dressent un pont sur les flots mouvants” en: *Eccos Rev Cient*. Vol. 07, No. 2, Dez, São Paulo: Uninove, 2005.

BIBLIOGRAFÍA

- BUFA, E. & NOSELLA, P. (2002). *Schola Mater: a antiga Escola Normal de São Carlos*, FAPESP, Edufscar.
- HERRERA, M. C & LOW C. (1994). *Los intelectuales y el despertar cultural del siglo: El caso de la Escuela Normal Superior – una historia reciente y olvidada*. Universidad Nacional Pedagógica.
- JARDILINO, J.R.L. (2004). Educação e Protestantismo – os colégios presbiterianos em São Paulo, Sá Martino. *Sociologia da Religião no Brasil*. São Paulo, Paulus.
- MARCILIO, M. L. (2005). *História da Escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial & Instituto Fernand Braudel.
- MONARCHA, C. (1999). *Escola Normal da Praça, o lado noturno das luzes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- ROLLAND D. (2000). *La crise du modèle français: Marianne et l’Amérique Latine. Culture, politique et identité*. Presses Universitaires de Rennes.
- HAMMEL, T. *Um siècle de formation des maîtres au Québec: 1836-1939*. Université du Laval–Québec, Canadá.
- _____ (2005). «Les recherches en Education: stratégies d’investigation interdisciplinaire: Dans les méandres du fleuve éducatif, où les pierres du ruisseau dressent un pont sur les flots mouvants» en: *Eccos Rev Cient*, Vol. 07, No. 2, Dez, São Paulo: Uninove.